

# Não Gosto (Quatro Conferências)

por Jorge Silva Melo

Jorge Silva Melo em *Vermeer et Spinoza* de Gilles Aillaud, enc. Jean Jourdeuil e Jean-François Peyret, Paris, 1984



dos programadores-autores (que temos e teremos?), dos ministros, directores-gerais sempre nomeados que nem Sísifos e a refazer leis que nem Penélope eliminando pretendentes, não gosto. Não digo das pessoas, até há de quem gosto e gostarei: é das funções, do tempo que perdem, do tempo que fazem perder, do mundo que tapam. Por isso vou dizer tudo e espero que olhos nos olhos. E, porque gosto de *happy-ends*, dizer que gosto, gosto de actores, actrizes, técnicos.

Jorge Silva Melo

## Não Gosto

(de programadores – não sei quem são)

Quando, em 1970, decidi voltar para Lisboa (tinha estado a estudar em Londres e por cá tinha de fugir à tropa), foi com enorme entusiasmo. Nesses anos da ditadura a desfazer-se mas a apertar também, muitos artistas libertavam-se dos empresários, inventavam maneiras de produzir e exhibir, discutiam formas precárias de se organizarem. Participei, de várias formas, nessa emancipação. Mas que é feito dos artistas agora, que já quase não dão a cara pela administração das casas? Como foi que ganhou o modelo de festival (tão contestado nesses anos, com Truffaut a impedir Cannes e nós a contestar Avignon) – com a sua “selecção dos melhores”? Como foi que o modelo “centro cultural” venceu a hipótese de Casas dos Artistas (e essa é no singular e na velhice)? De que foi que desistimos, a que foi que nos habituámos, como foi que foi feito este recuo e nos vemos agora sob a alçada de uma longa família de “programadores” mais ou menos anónimos e que, às vezes, até levam como cognome o de “director artístico”? Como é que ao produtor se substitui esta figura de contornos imprecisos, nascida do festival? E que é um “programador”? Um produtor pobre? E que são os teatros actualmente, centros culturais

### 26 de Setembro

Não gosto dos críticos, não gosto

### 10 de Outubro

Não gosto de programadores, não sei o que fazem

### 17 de Outubro

Não gosto de ministros, secretários, chefes de gabinete, vereadores, assessores, directores-gerais e em geral

### 7 de Novembro

Gosto de actores, ai de mim

*Je suis snob*

Boris Vian

Já lá vão mais de 50 anos a ver e, mais tarde, a fazer teatro. Desde *Mar* de Miguel Torga, pelo TEP (em 1960? 61?), encenação de António Pedro, com a minha depois amiga Dalila Rocha, no Teatro

Variedades, até ao *Não se brinca com o amor* de Alfred de Musset (esse que se perguntou “Com que sonham as raparigas?”), que estreamos em Viseu, em Setembro de 2011. E já vi passar tanta coisa, críticos que surgiram, aterrorizaram as hostes durante nove meses e desapareceram ou se tornaram directores de televisões (sim, sim), amigos que foram ministros, ministros que se tornaram inimigos, programadores que não sei quem os inventou, directores de teatro, directores-gerais que encontro, frustrados, impotentes, reformados, tanta gente que andou pelas estreias (“hoje está cá fulano”, até se diz nos camarins, como se isso fosse determinante) e se foi indo embora. E que deixaram? Apetece-me lembrar-me dos seus percursos (alguns), das suas promessas, das suas derrotas, das suas ilusões, dos seus fracassos. E dizer que não gosto, não gosto mesmo nada, não gostei nem gosto. Não gosto dos críticos que temos (e dos que tivemos?), não gosto

SEGUNDAS-FEIRAS 26 SETEMBRO; 10 E 17 OUTUBRO; 7 NOVEMBRO DE 2011 · 18H30 · PEQ. AUDITÓRIO

apenas, mostras de festival? Porque é que a conversa com o espectador deixou de ser diária? Quem dá a cara pelo espectáculo? Quem recebe o espectador? Ah, como me toca a história da edição em Itália no pós-guerra, com Pavese, Calvino, Guinzburg, Vittorini, Gadda partilhando escritório nas editoras, cometendo erros e descobrindo génios, responsabilizando-se pelas colecções. Porque foi que fomos desistindo e tornando hegemónica esta dependência? E, precisamente, o teatro não é aquele artesanato anterior à era da reprodução técnica – lugar de desejo em que produção e exibição são a mesma coisa?

Jorge Silva Melo, 2 de Outubro de 2011

## Jorge Silva Melo

Estudou na London Film School. Fundou e dirigiu, com Luis Miguel Cintra, o Teatro da Cornucópia (1973/79). Foi crítico de cinema e teatro em *O Tempo e O Modo*, *Diário de Lisboa*, *A Capital*, *Letras & Artes*. Em 1972, dirigiu, com Eduarda Dionísio, Luis Salgado de Matos e Luis Miguel Cintra, o mensário *Crítica*. Bolseiro da Fundação Gulbenkian, estagiou em Berlim junto de Peter Stein e em Milão junto de Giorgio Strehler. É autor do libreto de *Le Château des Carpathes* (baseado em Júlio Verne) de Philippe Hersant, das peças *Seis Rapazes Três Raparigas*, *António*, *Um Rapaz de Lisboa*, *O Fim ou Tende Misericórdia de Nós*, *Prometeu*, *Num País Onde Não Querem Defender os Meus Direitos*, *Eu Não Quero Viver* baseado em Kleist, de *Não Sei* (em colaboração com Miguel Borges), *O Navio dos Negros*, *A Fala da Criada dos Noailles...* e *Da República e das gentes* (com Manuel Gusmão). Realizou as longas-metragens *Passagem ou A Meio Caminho*, *Ninguém Duas Vezes*, *Agosto*, *Coitado do Jorge*, *António*, *Um Rapaz de Lisboa*, a curta-metragem *A Felicidade*. E vários documentários sobre artistas (António Palolo, Joaquim Bravo, Glicínia Quartin, Álvaro Lapa, Nikias Skapinakis, António Sena, Ângelo de Sousa, Ana Vieira). Traduziu obras de Carlo Goldoni, Luigi Pirandello, Oscar Wilde, Bertolt Brecht, Georg Büchner, Lovecraft, Michelangelo Antonioni, Pier Paolo Pasolini, Heiner Müller e Harold Pinter. Reuniu muitos dos

seus textos em *Século Passado* (Livros Cotovia) e prepara uma nova compilação de textos sobre teatro (*A Mesa Está Posta*) para ser editada em 2013. Fundou, em 1995, os Artistas Unidos de que é director artístico.

---

**SEGUNDAS-FEIRAS 26 SETEMBRO; 10 E 17 OUTUBRO; 7 NOVEMBRO DE 2011 · 18H30 · PEQ. AUDITÓRIO**

---